



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Serviço Social: fundamentos, formação e trabalho profissional

Sub-eixo: Fundamentos do Serviço Social

AS CATEGORIAS GRAMSCIANAS E AS CONTRIBUIÇÕES PARA A DOCÊNCIA EM SERVIÇO SOCIAL

TATIANA DE LIMA SOUZA¹

RESUMO:

A docência em Serviço Social é crucial para a formação crítica de Assistentes Sociais. Os escritos gramscianos foram importantes para a reflexão de categorias, a exemplo do Estado, que precisavam ser aprofundadas. Realizou-se pesquisa bibliográfica sobre a docência e o Serviço Social e recorreu-se aos próprios escritos de Gramsci para analisar como suas categorias se expressam no trabalho docente.

Palavras-chave: Gramsci. Docência. Serviço Social.

ABSTRACT:

Teaching in Social Work is crucial for the critical training of Social Workers. Gramscian writings were important for reflecting on categories, such as the State, that needed to be deepened. Bibliographical research was carried out on teaching and Social Work and used Gramsci's own writings to analyze how his categories are expressed in teaching work.

Keywords: Gramsci. Teaching. Social Work.

INTRODUÇÃO

O trabalho docente em Serviço Social nas Instituições de Ensino Superior (IES) é constituído por diversos elementos para a sua execução, a exemplo de um direcionamento teórico-político crítico para que a formação profissional desenvolva-se atrelada a uma concepção unitária de educação. Segundo Gramsci (2001), esta concepção relacionada a articulação de aspectos teóricos, técnicos e instrumentais/operativos envolve a não separação da teoria em relação à prática e, assim, possibilita a construção de reflexões que elevam o nível de consciência

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Norte

do ser. Nesse sentido, visa que os indivíduos desfrutem de uma educação que aflore qualitativamente todas as suas dimensões humanas numa perspectiva integral e de totalidade.

Conforme a literatura existente sobre os Fundamentos Históricos e Teórico-metodológicos da profissão (Iamamoto, 2015) foi na década de 1970 que o Serviço Social encontrou-se com os textos gramscianos no momento em que estava ocorrendo diferentes modificações na conjuntura política brasileira², na formação e no trabalho profissional decorrentes do Movimento de Reconceituação iniciado no Brasil em 1960, o qual possibilitou que os/as Assistentes Sociais reavaliassem o direcionamento da formação profissional e de suas intervenções nos espaços ocupacionais.

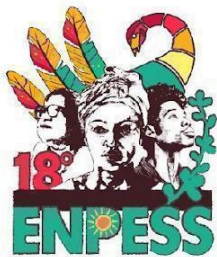
A partir disso, categorias como Estado obtiveram uma leitura diferenciada, possibilitando que o Serviço Social ampliasse seu campo de análise para a intervenção no âmbito da sociedade civil, esta última constituindo também outra categoria minuciosamente analisada por Gramsci para extrair explicações concernentes às questões que emergiam e que guardavam relação com essa instância perpassada por contradições e disputas de projetos de classe.

O objetivo deste trabalho foi analisar como as categorias gramscianas se expressam na docência em Serviço Social. Sendo assim, parte-se do pressuposto que a análise da docência pode ser realizada a partir da concepção de educação unitária em Gramsci. A metodologia englobou pesquisa bibliográfica sobre a docência e o Serviço Social, bem como recorreu-se aos próprios escritos de Gramsci. O artigo está dividido em duas seções, na primeira tecemos apontamentos sobre os fundamentos da docência e problematizamos a educação com base na perspectiva gramsciana e na segunda seção destacamos a relevância das categorias gramscianas para o trabalho docente em Serviço Social. Nas considerações finais, apresentamos uma síntese do percurso construído ao longo do artigo.

1 OS FUNDAMENTOS DA DOCÊNCIA EM SERVIÇO SOCIAL E A EDUCAÇÃO A PARTIR DE UMA ANÁLISE GRAMSCIANA

Construir reflexões sobre os fundamentos da docência é uma tarefa necessária ao mesmo tempo que é também desafiante para os/as profissionais do curso de graduação em Serviço Social que é generalista e que por diferentes questões não consegue abranger todas as particularidades do trabalho docente. Na verdade, são escassos os referenciais críticos que

² Para o aprofundamento sobre os acontecimentos econômicos, políticos e sociais da sociedade brasileira, conferir Simionatto (2011).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

discutam especificamente a docência enquanto área de trabalho de Assistentes Sociais e a relevância dos seus fundamentos históricos e teórico-metodológicos para a continuidade da formação profissional preconizada pelo Projeto Ético-Político da profissão.

Sendo importante também ampliar o diálogo com a área da educação para assim incorporar elementos que estejam em consonância com a direção crítica do Serviço Social. Para tanto, Gramsci apresenta-se como um autor que deixou um legado que a partir de mediações pode ser resgatado e materializado no contexto atual de crise do capital, dadas as transformações da realidade e as novas demandas que se colocam para a classe trabalhadora.

Apesar do desafio citado em relação às pesquisas sobre os fundamentos para o trabalho docente, a produção de conhecimento existente – construída por Assistentes Sociais que estão na docência e em outras áreas de atuação – subsidia a formulação de estudos e de sínteses referentes à profissão e à docência no ensino superior. Salientamos como sendo crucial para o embasamento da formação docente os núcleos de fundamentação – presentes nas Diretrizes Curriculares da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS) aprovadas em 1996, quais sejam: Núcleo de Fundamentos Teórico-Metodológicos da Vida Social, Núcleo de Fundamentos da Formação Sócio-Histórica da Sociedade Brasileira e o Núcleo de Fundamentos do Trabalho Profissional. Tais núcleos já apontam que a formação profissional em Serviço Social direciona-se por uma perspectiva de totalidade na análise da realidade e de seus mais diversos determinantes. Faustini (2014, p. 28) ao construir reflexões sobre os saberes docentes e os fundamentos da docência em Serviço Social, defende que:

É necessária uma reflexão pedagógica que possibilite o “reconhecimento” da docência no Serviço Social enquanto uma prática produtora de saberes específicos para formar assistentes sociais. Faz-se necessária uma explicitação dos saberes que fundamentam a ação docente no Serviço Social.

Com isso, partimos do entendimento que os fundamentos da docência em Serviço Social englobam todo o arsenal teórico de conhecimentos sistematizados pela categoria de Assistentes Sociais referentes à trajetória da profissão na sociedade brasileira. Tais conhecimentos se modificam a depender das determinações conjunturais relacionadas à política, à economia e à cultura etc. Assim, os fundamentos teórico-metodológicos dão sustentação à docência, a qual norteia-se pela direção ética e política que por sua vez mostra-se nas atividades acadêmicas (ensino, pesquisa e extensão) operacionalizadas a partir de diferentes instrumentais didático-pedagógicos relacionados à materialização da dimensão técnico-operativa, tendo em vista as particularidades e as demandas interligadas à docência na educação superior.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Ademais, esses fundamentos teórico-metodológicos foram e continuam sendo construídos a partir de elaborações e de influências teóricas de autores diversos, em especial daqueles situados no âmbito da tradição marxista, pois dialogam com a direção social hegemônica da profissão. Sendo assim, é possível identificar questões e categorias que remontam, em especial, ao pensamento e às obras pré-carcerárias e do cárcere de Antonio Gramsci. Defendemos que foi a partir das contribuições das categorias marxianas/gramscianas que o Serviço Social avançou em suas análises referentes ao Estado, à sociedade civil e à questão do intelectual (Simionatto, 2011; Yazbek, 2019). Esse processo foi possível a partir do momento que ocorreu o Movimento de Reconceituação do Serviço Social no Brasil³ nas décadas de 1960 até 1980, quadro que repercutiu conseqüentemente em alterações nos fundamentos teóricos da profissão.

O Serviço Social latino-americano é sensibilizado pelos desafios da prática social. Sua resposta mais significativa se consubstancia na mais ampla revisão já ocorrida na trajetória dessa profissão [...] Essa resposta é o movimento de *denúncia – de autocrítica e de questionamentos societários – que tinha como contraface um processo seletivo de busca da construção de um novo Serviço Social latino-americano*, saturado de historicidade, que apostasse na criação de novas formas de sociabilidade a partir do próprio protagonismo dos sujeitos coletivos (Iamamoto, 2015, p. 207, grifos da autora).

Observamos, então, que “a renovação dos fundamentos do Serviço Social está imbricada, portanto, à dinâmica da realidade brasileira, estimulando segmentos do espaço acadêmico e profissional a buscar novos referenciais para iluminar a prática e a formação profissionais” (Simionatto, 2019, p. 89). De acordo com a literatura da área existente (Iamamoto, 2015), essa Renovação profissional instaurou o pluralismo e diversificou as bases teóricas que subsidiavam o Serviço Social.

Com isso, temos que as categorias gramscianas potencializaram o ensino dos fundamentos teórico-metodológicos e ético-políticos do Serviço Social, haja vista que a profissão avançou qualitativamente nesse debate buscando o rompimento com o conservadorismo que fora tão marcante na formação e no trabalho profissional até a década de 1970, caminhando assim para o paulatino espraiamento de uma perspectiva crítica no âmbito da profissão.

Sendo assim, a vinculação do Serviço Social com Gramsci está relacionada tanto a conjuntura de enfraquecimento da ditadura, de avanço do projeto de ruptura, do protagonismo estudantil, do revigoramento dos movimentos sociais quanto a busca pela compreensão dos

³ Durante o Movimento de Reconceituação ocorreram quatro seminários importantes, a saber: Seminário de Araxá (1967), Seminário de Teresópolis (1970), Seminário de Sumaré (1978) e Seminário do Alto da Boa Vista (1984). Sendo importante salientar que foi no Seminário de Sumaré que algumas categorias gramscianas foram expressas nas reflexões socializadas no evento (Netto, 2011).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

diversos determinantes da realidade e até mesmo a sua superação. Esse diálogo na verdade inicia nos fins da década de 1970 com o acesso ainda restrito dos/as Assistentes Sociais às obras marxistas, perpassa a aprovação do Currículo de 1982 e é ampliado posteriormente com a aprovação das Diretrizes Curriculares da ABEPSS de 1996, expressando-se na configuração dos componentes curriculares, nas pesquisas de docentes que passaram a incorporar as categorias gramscianas na análise de diferentes aspectos, bem como em projetos de extensão em outros espaços ocupacionais nos quais os/as Assistentes Sociais atuavam (Simionatto, 2011). Ademais, ressaltamos novamente que as contribuições de Gramsci reverberaram nos processos educativos/formativos sendo indispensáveis para a reflexão sobre o processo de ensino e aprendizagem.

Gramsci (1999) ao discutir a questão da linguagem e a sua relação com o processamento dos acontecimentos sociais, em especial aqueles ligados à cultura, ratifica que são questões vinculadas ao ser humano enquanto ser inserido em uma coletividade, na qual se vivencia momentos de troca de saberes e de diálogos. Dessa forma, redirecionando esse pensamento para a área da docência, chegamos a questão concernente a necessidade de repensar a cultura profissional construída em torno dos fundamentos das práticas pedagógicas do corpo docente de Serviço Social. Esse é um movimento imprescindível para qualificar a relação professor e estudante, sendo demandado a apreensão de elementos macroestruturais uma vez que:

[...] a relação entre professor e aluno é uma relação ativa, de vinculação recíprocas, e que, portanto, todo professor é sempre aluno e todo aluno, professor. Mas a relação pedagógica não pode ser limitada às relações especificamente “escolares”, através das quais as novas gerações entram em contato com as antigas e absorvem suas experiências e seus valores historicamente necessários, “amadurecendo” e desenvolvendo uma personalidade própria, histórica e culturalmente superior [...] (Gramsci, 1999, p. 399, grifos do autor).

Interligada a essa questão, Simionatto (2011) aponta a relevância da universidade para a fomentação do pensamento crítico. Nessa direção, é pertinente explicitar também o protagonismo de docentes e das atividades desenvolvidas junto aos/às discentes e à comunidade externa, bem como o desafio para se apropriarem do debate e a partir disso ensinar didaticamente com base em estratégias político-pedagógicas sobre as novas formas de leitura do mundo. Assim, concordamos com Gramsci (2021, p. 84) ao apontar que: “[...] somente de um trabalho comum e solidário de esclarecimento, de persuasão e de educação recíproca nascerá a ação concreta de construção”. Ou seja, uma sociedade livre de todos os aspectos deletérios do capitalismo demanda a ênfase em pensar e agir norteados pela dimensão coletiva.

Destarte, a leitura dos Cadernos do Cárcere, volumes 1 e 2, permitem-nos afirmar a nítida preocupação de Gramsci com a direção dos processos educativos, haja vista que a área da educação comporta possibilidades múltiplas de incidir em alterações sociais que apontam, ainda, para a construção de uma nova concepção de mundo. Gramsci discorre que a escola, a igreja e, acrescentamos, as universidades aglutinam muitos cérebros que pensam e agem de formas diferentes. Endossamos que é a partir dos fundamentos teórico-metodológicos explicitados que os/as docentes de Serviço Social sedimentam na formação profissional uma leitura crítica da realidade revestida pela totalidade dos processos sociais.

De acordo com Simionatto (2019, p. 98),

[...] o pensamento de Gramsci ganha densidade no debate dos fundamentos do Serviço Social, dos anos 1990 aos 2000. Com o aprofundamento do estudo de suas obras, na esteira das profícuas reflexões emergidas na década anterior, o marxista sardo ganha novos desdobramentos e se apresenta na atualidade como referencial incontestante nas produções do Serviço Social.

Logo, defendemos que os estudos de Gramsci e das suas categorias articuladas a realidade das demandas que são postas para o Serviço Social nas diferentes áreas de trabalho potencializam o processo de materialização do Projeto Ético-Político da profissão, o qual se expressa no Código de Ética de 1993, na Lei de Regulamentação da Profissão 8.662 de 1993 e nas Diretrizes Curriculares da ABEPSS de 1996. O Projeto Profissional é perpassado pela influência das categorias gramscianas que foram incorporadas pela categoria a partir da década de 1970 com a Reconceituação.

Assim, no processo de ensino-aprendizagem do curso de Serviço Social, temos o esforço dos/as docentes em assegurar a hegemonia da direção crítica desse Projeto, haja vista as ameaças conservadoras que tencionam a formação e o trabalho profissional de Assistentes Sociais. Com base nisso, desmembrou-se o debate no âmbito da categoria na qual se sustentou a possível crise⁴ do Projeto Profissional em meio aos limites postos pelas contradições das relações sociais capitalistas. A respeito desse debate, Mota e Amaral (2009, p. 54) a partir de uma leitura gramsciana asseveram a seguinte questão:

[...] não endossamos a ideia de que existe uma crise do projeto profissional, mas sim que é um projeto tensionado e determinado pela crise orgânica (Gramsci) mundial do capital. Todavia, entendemos que em determinadas conjunturas, os elementos que compõem o projeto profissional podem ter pesos e estruturas diferenciadas; e, neste momento em que as resistências são tênues, porém reais, a prática político-organizativa é essencial, posto

⁴ Para o aprofundamento desse debate a partir de outras perspectivas de análises conferir os textos da Revista Inscrita nº 10.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

que deve estabelecer o elo entre a formação profissional e formação política da categoria profissional como forma e meio de captar as reais demandas concernentes ao projeto profissional, assumindo a sua condição de “dirigente” no trânsito do momento econômico-corporativo para o momento ético-político.

Adentrando na discussão sobre a educação, assim como Gramsci (2001), não a entendemos enquanto uma via obrigatória para ser superada de modo aligeirado e a partir disso inserir-se de alguma maneira nos processos de produção e reprodução do capital. A educação e, de modo mais específico, a formação profissional em Serviço Social a partir das contribuições dos/as docentes constitui uma forma que os indivíduos têm de conhecer e apreender os diversos momentos de construção da sociedade que estamos emersos, trabalhando norteados por conhecimentos profissionais e transformando essa realidade a partir de interesses coletivos. Trata-se aqui da relevância da educação norteadada por uma perspectiva unitária, conforme estamos defendendo.

Gramsci (1999; 2001) em seus escritos pontuou a indispensável intervenção dos intelectuais para a formulação e a socialização de ideias que tendessem a corresponder aos interesses das classes sociais e a um determinado projeto de sociedade. Portanto, o intelectual exerce função educativa, diretiva e organizativa. Existem aqueles intelectuais que passaram por diferentes processos formativos seja em espaços institucionalizados ou que simplesmente possuem conhecimentos acumulados em decorrência da sua trajetória de vida. De acordo com o autor em análise, o intelectual “organiza as massas e exerce influência em suas decisões”. “[...] Formam-se assim, historicamente, categorias especializadas para o exercício da função intelectual; formam-se em conexão com todos os grupos sociais, mas sobretudo em conexão com os grupos sociais mais importantes [...]” (Gramsci, 2001, p. 18).

Dito isso, compreendemos o/a Assistente Social docente da educação superior enquanto um/a intelectual que difunde saberes seja na academia e/ou em outras instâncias educativas. Esses/as intelectuais estão vinculados/as a uma concepção de mundo crítica que busca diálogos com a sociedade civil na perspectiva de fortalecer a luta para que a universidade pública seja um espaço democrático e acessível àqueles/as que se sentem motivados a aprofundar seus conhecimentos em determinada área, e a partir disso buscar respostas qualitativas às necessidades postas pela sociedade.

Acrescentamos também nesse debate que a trajetória de Gramsci esteve muito vinculada com a educação e às disputas históricas relacionadas a ela, questões vivenciadas pelo italiano no século XX, por vezes, são reproduzidas no cotidiano daqueles/as que são da classe trabalhadora



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

e buscam – com dificuldades, vale destacar – acessar alguma formação educacional. A exemplo disso, citamos a realidade Brasileira do século XXI que embora tenha políticas de inclusão social, no âmbito da educação permanecem desigualdades exorbitantes que guardam relação com a estrutura dessa sociedade. Essas desigualdades se expressam no acesso e na permanência do/a estudante, implicando também na qualidade da educação ofertada às classes populares.

Sendo assim, tem-se para a burguesia a certeza de desfrutar de uma educação que seja a mais completa e desenvolvida até o último nível do padrão de exigência e de qualidade possível. À classe subalterna, é fomentado o pensamento de que não é preciso uma aprendizagem tão robusta, mas somente o necessário para servir às demandas imediatas e, conseqüentemente, desumanas e exploratórias do capital. Desse modo, aos indivíduos que pretendem ir além desse projeto reducionista/fragmentado de educação e de formação acadêmica, sutilmente posto pelas classes dominantes, resta a luta e a força que Gramsci travou para conseguir estudar, desfrutar de uma educação humanista e integral.

Para pensar essa forma de educação, Gramsci (2001), enfatizou que seria preciso apreender as determinações da realidade dos/as estudantes no que se refere principalmente ao processo educativo para assim desenvolver um projeto pedagógico que fosse coeso com as reais necessidades educacionais e que também não desvinculasse o trabalho intelectual do trabalho manual. A defesa da educação unitária coloca-se nessa direção de unir teoria e prática, de aproximar e encantar estudantes e professores com as descobertas científicas, sejam elas as mais simples, de universalizar uma forma de educação igualitária, de qualidade, de construir e de socializar conhecimentos que beneficie a humanidade.

Destarte, Gramsci (2020, p. 31) afirmou que “[...] quem vive verdadeiramente não pode não ser cidadão, assumir um lado. Indiferença é apatia, parasitismo, velhacaria, não é vida. Por isso odeio os indiferentes”. Dos seus escritos de 1917, depreendemos o convite constante de Gramsci a não sermos seres passivos, conformistas e pessimistas em uma sociedade capitalista que se posiciona de forma violenta cotidianamente para defender os seus projetos e destruir os direitos e sonhos dos/as subalternos/as. Para o marxista italiano, a classe trabalhadora poderia ser dirigente e protagonizar os processos educativos coerentes com as suas necessidades. Evidentemente que para a materialização disso, a organização e a luta política seriam cruciais, conforme já evidenciado.

Portanto, o legado gramsciano para o Serviço Social agrega questões para fortalecer um projeto de educação que seja unitária, que enriqueça a cultura profissional crítica para assim



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

desenvolver um trabalho, seja na academia ou em outros espaços ocupacionais, direcionado para a viabilização de direitos, isto é, democratizar o acesso aos bens produzidos pelo trabalho, atuando nos Conselhos vinculados às políticas sociais entre outras instâncias de controle social, bem como em processos organizativos da Sociedade Civil, entendida enquanto um espaço de disputas de interesses e que guarda relação com a formatação do Estado. Nesses apontamentos, temos diferentes categorias as quais estão presentes no trabalho docente em Serviço Social, conforme será analisado na seção seguinte, que se articulam e que foram minuciosamente estudadas por Gramsci nos momentos de sua trajetória.

2 O TRABALHO DOCENTE E AS CATEGORIAS DE GRAMSCI

Considerando as contribuições de Karl Marx e de Engels resultantes dos fatos sucedidos em 1848 (2008), Gramsci teceu nos seus mais diversos escritos apontamentos relacionados ao Estado. Nos textos pré-carcerários foi posto que “o Estado é o órgão executivo dos interesses capitalistas, e a boa vontade individual não lhe vai mudar a essência” (Gramsci, 2021, p. 78). Nesse pequeno fragmento, percebemos a marcante influência da concepção marxiana sobre o Estado, enquanto uma instância unicamente voltada para as vontades da burguesia e, ainda, que à classe trabalhadora só há uma alternativa para a modificação dessa conjuntura que é a organização política para a luta contra esse Estado burguês. Sobre esse aspecto, resgatamos este outro trecho de 1918 de Gramsci (2021, p. 144) no qual consta a reflexão:

O Estado torna-se, assim, o único proprietário do instrumento de trabalho, assume todas as funções tradicionais dos empreendedores, torna-se a máquina impessoal que compra e distribui as matérias primas, que impõe um plano de produção, que compra e distribui os produtos: o Estado burguês, dos burocratas incompetentes e irrevogáveis; o Estado dos politíqueiros, dos aventureiros, dos trapaceiros. Consequência: aumento da força armada policial, aumento caótico da burocracia incompetente, tentativa de absorver todos os descontentes da pequena burguesia ávida de ócio e criação, para esse fim, de organismos parasitários ao infinito.

Cabe salientar que Gramsci dialogou com Marx e Engels, mas que a partir das determinações da realidade italiana e das vivências políticas nos sindicatos e nos conselhos operários, o autor foi um pouco além daquilo já apontado pelos pensadores citados, ocorrendo um movimento de modificação na sua forma de apreender o que era o Estado e o conjunto de estratégias político-ideológicas utilizadas na sociedade capitalista. Decorrente disso, posteriormente nas reflexões referentes aos cadernos do cárcere, segundo elucidado por



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Coutinho (2003), Gramsci construirá outra concepção de Estado, no caso ampliada, que articula a sociedade política e a sociedade civil.

Portanto, o Estado em sentido amplo, “com novas determinações”, comporta duas esferas principais: a *sociedade política* (que Gramsci também chama de “Estado em sentido estrito” ou de “Estado coerção”), que é formada pelo conjunto dos mecanismos através dos quais a classe dominante detém o monopólio legal da repressão e da violência e que se identifica com os aparelhos de coerção sob controle das burocracias executiva e policial-militar; e a *sociedade civil*, formada precisamente pelo conjunto das organizações responsáveis pela elaboração e/ou difusão das ideologias, compreendendo o sistema escolar, as igrejas, os partidos políticos, os sindicatos, as organizações profissionais, a organização material da cultura (revistas, jornais, editoras, meios de comunicação de massa), etc (Coutinho, 2003, p. 127, grifos do autor).

Diante disso, visualizamos a pertinência de conhecer as diferentes reflexões sobre o Estado, posto que há a possibilidade de modificarmos e de superarmos essa sua configuração, porque ele a partir da ação organizada das classes sociais se modifica. Tanto Marx quanto Gramsci explicitaram em suas análises que a existência do Estado não é algo eterno, apesar de tal ideia ser alimentada constantemente com vistas a desmobilizar e enfraquecer os movimentos revolucionários das classes subalternas. Para Simionatto (2011, p. 74), “o desaparecimento do Estado ou a construção da sociedade regulada significa, pois, a extinção gradativa dos mecanismos coercitivos e autoritários e o fortalecimento dos organismo da sociedade civil, portadores materiais da hegemonia”. Acrescentamos que a superação do Estado burguês para aqueles/as que sofrem com as suas iniciativas remonta a possibilidade de vislumbrar de uma vida em que os valores humanos se sobreponham aos interesses individualistas e mercantis tão cultivados pela burguesia nos últimos séculos.

Apresentado sucintamente o debate sobre o Estado, avançamos para o trabalho docente em Serviço Social que geralmente ocorre em instituições relacionadas ao Estado. A docência constitui algo fundamental para a continuidade da formação de Assistentes Sociais alinhados/as à direção do Projeto Ético-Político da profissão. Já as categorias de Gramsci são essenciais para a reflexão sobre esse trabalho⁵ realizado na dinâmica universitária, uma vez que esta configura-se como um aparelho privado de hegemonia que comporta muitas concepções de mundo dada a diversidade de áreas do conhecimento e de Projetos Políticos Pedagógicos dos respectivos cursos superiores. Assim, compreendemos a educação superior enquanto uma política social pública que influencia e sofre as inflexões do Estado, isso porque,

⁵ Sobre o trabalho Gramsci (2001, p. 40) asseverou “[...] que é a forma própria através da qual o homem participa ativamente na vida da natureza, visando a transformá-la e socializá-la cada vez mais profunda e extensamente [...]”.

O papel histórico do Estado brasileiro na condução da política de expansão da educação superior é, portanto, fundamental. É o Estado que cria o arcabouço jurídico para operar esta política, autorizando e credenciando as IES privadas, bem como legalizando a privatização interna das IES públicas e estimulando o produtivismo e o padrão mercantil da pesquisa e da produção de conhecimentos. As concepções de educação superior – reduzida à *educação terciária* – e de universidade – como instituição de ensino e/ou instituição subsumida à lógica mercantil – são compartilhadas por reitores das universidades e por parte dos docentes dessas IES (Lima, 2013, p. 12, grifos da autora).

A partir disso, temos que a reflexão sobre o Estado não ocorre de forma abstrata, mas toma por base as determinações da realidade. Com isso, as contribuições da leitura gramsciana são cruciais para os/as docentes ensinarem sobre as políticas sociais, suas contradições e os processos de disputas que as permeiam. De acordo com Moraes *et al* (2011, p. 147), “[...] no Serviço Social, no âmbito do esforço de ruptura, se identifica a busca de fundamentação na compreensão das categorias Estado, Instituição e Política Social nas novas teorizações que se dão no campo marxista e das Ciências Sociais, destacando-se, principalmente, a influência de Gramsci”. Quando se qualifica a análise dessas categorias junto aos/às discentes o resultado no processo de formação e de trabalho profissional nas instituições adquire outra dimensão, pois passam a ser sustentados por mediações históricas e políticas, conforme orientado pelas Diretrizes da ABEPSS.

Ao refletir sobre a cultura, as concepções de mundo e o trabalho de algumas profissões, que Gramsci (1999, p.112) reconhece como intelectuais, pontua que: “[...] o Estado, ainda que os governantes digam o contrário, não tem uma concepção unitária, coerente e homogênea, razão pela qual os grupos intelectuais estão desagregados em vários estratos e no interior de um estrato [...]”. Os elementos apresentados por Gramsci e o próprio movimento da realidade, autorizam-nos a afirmar que existem intelectuais, sejam eles orgânicos ou tradicionais⁶, aptos a defenderem diferentes ideias, mas que a forma em que se encontra o Estado tende a favorecer aqueles que defendem a conservação da ordem.

Avançando na análise, entendemos que o Estado não é um ente abstrato e sem interesses, na verdade a formatação do Estado é a expressão de ideais, em especial de reafirmação do projeto da classe dominante. Apesar disso, são realizadas algumas ações na perspectiva de criar o consenso de que toda a sociedade está sendo representada pelo Estado, afinal se não for assim torna-se uma ditadura, onde poucos mandam e a grande massa é obrigada a obedecer e a concordar com as imposições de um grupo politicamente mais organizado. No

⁶ Para uma melhor distinção entre intelectual orgânico e intelectual tradicional, consultar a obra de Simionatto (2011), na qual a autora de forma didática traça considerações sobre essa questão.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

cotidiano docente do curso de Serviço Social tende a ser trabalhada a partir de Gramsci a seguinte questão:

[...] O Estado – “educa o consenso” por meio dos “aparelhos privados de hegemonia” (escolas, museus, igrejas, partidos, etc.) – mecanismos fortalecedores da fragmentação social das classes subalternas. No âmbito da sociedade civil, a classe dominante, através do uso do poder por meios não violentos contribui para reforçar o conformismo, apostando na desestruturação das lutas das classes subalternas, reduzindo-as a lutas por interesses meramente econômico-corporativos (Yazbek, 2019, p. 69, grifos da autora).

Observamos na passagem anterior a interferência do Estado nos processo educativos. Sendo assim, o Estado tensiona com o seu projeto classista e os/as docentes buscam desenvolver um trabalho pedagógico que possibilita que os/as discentes construam uma consciência que saia do campo meramente econômico-corporativo para chegar ao ético-político, isto é, que ocorra a elevação da consciência política. Existe, então, uma relação entre o intelectual, no caso o/a docente e o simples, que são os/as discentes. A partir das elaborações gramscianas e do seu ensino, os/as discentes podem repensar suas ideias, principalmente sobre a política, visto que há uma descredibilidade em relação aos processos políticos no Brasil, disso decorre a necessidade de qualificação desse debate.

Nesse sentido, é crucial a reflexão de Gramsci que articula a filosofia da práxis à função exercida pelo intelectual em sua relação com os “simples”.

[...] a filosofia da práxis não busca manter os “simples” na sua filosofia primitiva do senso comum, mas busca, ao contrário, conduzi-los a uma concepção de vida superior. Se ela afirma a exigência do contato entre os intelectuais e os simples não é para limitar a atividade científica e para manter uma unidade no nível inferior das massas, mas justamente para forjar um bloco intelectual-moral que torne politicamente possível um progresso intelectual de massa e não apenas de pequenos grupos intelectuais (Gramsci, 1999, p.103, grifos do autor).

Desse modo, preencher de mediações o entendimento sobre a política e ultrapassar “a pequena política” configura-se como elementar para a reflexão sobre a hegemonia. Dias (1996) salienta a importância de trabalharmos criticamente com o conceito de hegemonia, isso porque há um conjunto de interpretações sobre ela e que por diferentes questões afastam-se do legado gramsciano. Assim, sobre o “processo de construção da hegemonia”, o autor aponta o seguinte: “[...] a capacidade que uma classe fundamental (subalterna ou dominante) tenha de construir sua hegemonia, decorre da sua possibilidade de elaborar sua visão de mundo própria, autônoma [...]” (Dias, 1996, p. 10). A realidade na qual se insere as classes implica na construção da hegemonia, pois pode favorecer ou dificultar que um dos polos consolide suas ideias, seu projeto de sociedade. Dias (1996) resgata a pertinência do partido político para a construção da hegemonia,



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

de uma visão de mundo que seja o resultado do rompimento com a velha sociedade e o seu aparato ideológico, formulando com isso um pensamento livre. Logo, a hegemonia

[...] trata-se da transformação das condições de existência das classes subalternas. Esta reforma intelectual e moral deve, necessariamente, estar ligada a um programa de reforma econômica que é, exatamente, o seu modo concreto de apresentar-se. Pensar a construção de uma nova forma social, uma nova sociabilidade, só é possível se se pensam conjuntamente as formas específicas de sua realização – a um tempo material e simbólica (Dias, 1996, p. 10).

Os pontos levantados anteriormente sobre o Estado e a questão da hegemonia são importantes para a análise da realidade social, para a potencialização das relações pedagógicas e para a atuação futura do/a Assistente Social nos espaços de trabalho, haja vista a necessidade de atuar direcionados/as por uma concepção de mundo crítica e coerente, a qual reverbera nos processos de viabilização dos direitos sociais para aqueles/as que os demandam. Dessa forma,

[...] a compreensão crítica de si mesmo é obtida, portanto, através de uma luta de “hegemonias” políticas, de direções contrastantes, primeiro no campo da ética, depois no da política, atingindo, finalmente, uma elaboração superior da própria concepção do real [...] (Gramsci, 1999, p. 103)

Norteando-nos pela perspectiva gramsciana, compreendemos que essa concepção crítica do real só pode ser alcançada a partir da filosofia da práxis. Ou seja, do rompimento com as ideias do senso comum, as quais tendem a prevalecer nas ações do cotidiano. A filosofia da práxis permite elevarmos o nível de apreensão dos processos sociais, sendo posto por Gramsci (1999) como aquela que melhor explica o real em sua essência. Por isso, o aprofundamento sobre o Estado, a sociedade civil e a hegemonia contribui para que o Serviço Social apreenda as determinações presentes nos espaços de trabalho e no processo de efetivação das políticas sociais, uma vez que historicamente é na esfera estatal que estão inseridos/as via concurso público um quantitativo significativo de Assistentes Sociais, questão levantada desde a década de 1980 por Iamamoto (2015).

Simionatto (2011, p. 234) em sua obra destaca as contribuições das categorias gramscianas, afirmando que: “[...] as diferentes áreas do saber devem buscar em Gramsci uma relação de diálogo e de crítica, apreendendo a fecundidade do seu pensamento não apenas como moda acadêmica, mas como um referencial forjado para ação [...]”. A autora nos orienta que a recorrência a Gramsci deve ser na perspectiva de enriquecer as nossas reflexões e de desvelar as contradições do tempo atual a partir do direcionamento das categorias teóricas exaustivamente trabalhadas pelo italiano.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

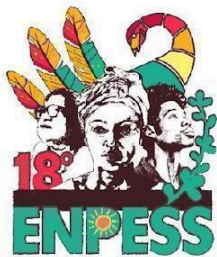
Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Para a docência em Serviço Social nas IES coloca-se o desafio de trabalhar no processo de ensino e aprendizagem do corpo discente o pensamento gramsciano e o projeto de sociedade que foi defendido arduamente por Gramsci e, até mesmo, por autores contemporâneos marxistas que persistem na luta contra o capital, em tempos de apropriação indevida e equivocada do marxismo por uma ala conservadora e antidemocrática da sociedade brasileira. Esse cenário explicita o quanto que o pensamento crítico, revolucionário é combatido para que não ocorra nenhuma forma de transformação social. Reside nisso, a grandiosidade de um trabalho profissional que resiste e não se deixa afogar nas ondas do pessimismo, mesmo que em determinados momentos ele vigore e atinja os indivíduos, mas o otimismo de que algo novo pode ser construído deve prevalecer nas ações e nas lutas da classe trabalhadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Demonstramos ao logo deste trabalho que a recorrência a Gramsci pelos/as Assistentes Sociais parte de uma necessidade posta pela realidade que se insere o Serviço Social, no caso, o projeto de ruptura, bem como pelo desenvolvimento histórico do Brasil, pois suas categorias de análise continuam sendo atuais e essenciais para entender as determinações da formação social e histórica do país, segundo sustentou Coutinho (2003). Assim, as categorias gramscianas se expressam no trabalho e no direcionamento formativo dos/as Assistentes Sociais, ainda que a sua riqueza explicativa e o seu potencial de desvelar a realidade não seja totalmente extraído. Apesar que, para Simionatto (2011), os espaços de ensino são cruciais para a reflexão sobre as estruturas historicamente consolidadas, seja da escola, da universidade ou da sociedade. Em virtude disso, há o esforço de docentes e de discentes no estudo das obras originais de Antonio Gramsci, uma vez que não é um processo fácil e mecânico, mas reflete uma direção política atrelada a um projeto de profissão e de sociedade.

Desse modo, enfatizamos a pertinência de Gramsci para qualificar o debate dos fundamentos teórico-metodológicos do Serviço Social, resgatamos as contradições que perpassam a educação pensada com base na perspectiva unitária, bem como a atualidade dos escritos gramscianos para subsidiar as análises sobre o Estado e a diversidade de problemáticas desmembradas com o aprofundamento da barbárie do modo de produção capitalista. Assim, a leitura dos volumes 1 e 2 dos Cadernos do Cárcere nos auxilia a construir uma perspectiva de



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

universidade que aponta para a necessidade de afirmá-la enquanto um espaço que forma intelectuais para a batalha de ideias que incidirão em mudanças, espera-se que qualitativas, na concreticidade da realidade.

Considerando o direcionamento crítico dos/as docentes de Serviço Social, nosso esforço visou demonstrar o quanto que a docência e os seus fundamentos são influenciados pelos escritos gramscianos e que esses/as profissionais podem com base nessas contribuições potencializar o ensino, a pesquisa e a extensão por intermédio da aproximação dos/as discentes aos debates inerentes à profissão a partir de uma concepção de mundo unitária que viabiliza a organização política e o fortalecimento do projeto societário que tem como horizonte a emancipação humana.

Gramsci (2021, p. 94) a partir das vivências e das lutas sociais relacionadas ao seu período histórico alertou a classe trabalhadora que: “[...] o caminho não será nem breve nem fácil; muitas dificuldades surgirão e se oporão a vocês, e, para superá-las, será preciso usar de grande habilidade, recorrer por vezes à força da classe organizada, ser sempre movido e estimulado por uma grande fé [...]”. Portanto, reiteramos o entendimento de que mesmo em contextos difíceis, precisamos ser persistentes e resistentes assim como Gramsci foi nos momentos do Cárcere e, ainda, que nunca desistamos do árduo processo de construção de uma contra-hegemonia, ou melhor, de uma sociedade livre de todas as ruínas desencadeadas pelo modo de produção capitalista.

REFERÊNCIAS

ABEPSS (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL). **Diretrizes Gerais para o Curso de Serviço Social**, Rio de Janeiro, 1996.

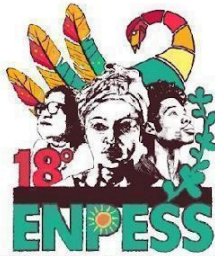
COTINHO, Carlos Nelson. **Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DIAS, Edmundo Fernandes. Hegemonia: racionalidade que se faz história. In: DIAS, Edmundo Fernandes *et al.* **O Outro Gramsci**. 4 ed. São Paulo: Xamã, 1996.

FAUSTINI, Márcia Salete Arruda. **O ensino no Serviço Social**. 1 reimp. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere, volume 1: Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. (Edição e tradução de Carlos Nelson Coutinho, co-edição, Luiz Sérgio Henrique e Marcos Aurélio Nogueira).

_____. **Cadernos do cárcere, volume 2: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. (Edição e tradução de Carlos Nelson Coutinho, co-edição, Luiz Sérgio Henrique e Marcos Aurélio Nogueira).



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

_____. **Homens ou máquinas?** Escritos de 1916 a 1920. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2021. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Rita Coitinho. (seleção de artigo e apresentação de Gianni Fresu).

_____. **Odeio os indiferentes:** escritos de 1917. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2020. Seleção, tradução e aparato crítico de Daniela Mussi e Alvaro Bianchi.

IAMAMOTO, Marilda Villela. **O Serviço Social na Contemporaneidade:** trabalho e formação profissional. 26 ed. São Paulo: Cortez, 2015.

LIMA, Kátia. Expansão da educação superior brasileira na primeira década do novo século. In: PEREIRA, Larissa Dahmer; ALMEIDA, Ney Luiz Teixeira de (Orgs.). **Serviço Social e Educação.** Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2013.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista.** 1 ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MORAES, Alzimar Mourão *et al.* Esforço de construção de um projeto profissional a partir da ruptura. In: SILVA e SILVA, Maria Ozanira da (Coord.). **O Serviço Social e o popular:** resgate teórico-metodológico do Projeto Profissional de Ruptura. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MOTA, Ana Elizabete; AMARAL, Ângela. Projeto profissional e projeto societário. In: **Revista Inscrita**, n.12, Brasília, 2009.

NETTO, José Paulo. **Ditadura e Serviço Social:** uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64. 16 ed. São Paulo: Cortez, 2011a.

SIMIONATTO, Ivete. **Gramsci:** sua teoria, incidência no Brasil, influência no Serviço Social. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. As abordagens marxistas no estudo dos fundamentos no Serviço Social. In: GUERRA, Yolanda *et al.* (Orgs.). **Serviço Social e seus Fundamentos:** conhecimento e crítica. São Paulo: Papel Social, 2019.

YAZBEK, Maria Carmelita. Fundamentos Históricos e Teórico-Metodológicos e as Tendências Contemporâneas no Serviço Social. In: GUERRA, Yolanda *et al.* (Orgs.). **Serviço Social e seus Fundamentos:** conhecimento e crítica. São Paulo: Papel Social, 2019.